

ANÁLISE DA JUVENILIZAÇÃO NO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ARCO IRIS – GOIÂNIA/GO

Yara Fonseca de Oliveira¹; Edna Maria de Jesus²; Nelson Carneiro Júnior³; Klênia Marla dos Santos Santiago⁴

¹Doutora, UEG, Gepforp CNPq, yara.silva@ueg.br;

²Doutora, Instituto Aphoniano de Ensino Superior - IAESup e do Centro Universitário Alves Faria - UniAlfa, CNPQ "Observatório: o trabalho real e a formação docente na Educação Profissional em Goiás - PUC/GO, ednamariajesus20@gmail.com;

³Mestre, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre formação de professores e docência PUC/GO, Secretaria de Educação do Estado de Goiás, nelsoncjunior@yahoo.com.br

⁴Especialista, Secretaria de Educação do Estado da Bahia, klenia.santiago@nova.educacao.ba.gov.br

EIXO TEMÁTICO: Direitos Humanos e a EJA na perspectiva do mundo do trabalho

MODALIDADE: Comunicação Científica

RESUMO

O estudo apresenta a experiência de trabalho dos profissionais, com o tema juventude e educação, que atuavam no período noturno, do Centro de Educação de Jovens e Adultos Arco Iris (CEJAAI) em Goiânia/Goiás. O início dessa experiência ocorreu a partir dos anseios destes, constituindo um Grupo de Estudo (GE), cujo objetivo era o de superar o distanciamento entre as políticas e as práticas pedagógicas destinadas, com vistas a compreender a juventude da EJA no CEJA Arco Iris a partir da realidade social na qual estão inseridos, seus interesses, necessidades e ocupações. Alguns componentes do GE ampliaram a discussão desse estudo e hoje está sendo desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás – UEG, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), na linha de pesquisa Formação de Professores e o Uso de Recursos Tecnodigitais: prática e mediação pedagógica, com a abrangência em todo território nacional. As diversas pesquisas sobre essa temática apontam, que o ingresso desses jovens demandam atenção às especificidades socioculturais e etárias, cada vez mais precoces, remetendo à reflexão de fatores pedagógicos, políticos e estruturais (condição juvenil, classe social, grau de escolaridade, situações de gênero e raça. Nesse sentido, cabem as perguntas: Quem são esses jovens da EJA? Por que buscam a EJA como campo específico de formação, profissionalização e inserção no mundo do trabalho? Sob a ótica da compreensão das diferentes juventudes e considerando a pluralidade, faz-se necessário apreender as múltiplas identidades juvenis. Assim, com base nos estudos de Bourdieu (2019), Abramo (2005), Dayrell (2007) e Hall (2006) contribuem para que o estudo sobre o tema em tela fosse aprofundado incorporando a compreensão das múltiplas formas de sociabilidades juvenis, incluindo o binômio juventude e pobreza e, também, as tensões etário

geracionais no contexto escolar, sendo, portanto necessário ampliar o conceito de identidade que se encontra em constante processo de mudanças. Para qualificar essa experiência, buscou-se, com base em uma pesquisa qualitativa, traçar o perfil dos estudantes da EJA do CEJAAI e propôs compreender as expectativas dos estudantes em relação a escola pública da Rede Estadual de Ensino de Goiás, seus anseios e a consequente conclusão do Ensino Médio. A amostragem foi direcionada a jovens/estudantes com idade entre 18 a 25 anos, matriculados na instituição. Os procedimentos metodológicos foram observações em salas de aula, coleta de dados por meio de um questionário aplicado a 50 (cinquenta) estudantes da modalidade (18 a 25 anos) visando identificar e analisar o contexto social, profissional, identitário, e as expectativas de aprendizagem discente. Como resultados foram apontados: a equivalência no gênero se fez presente, sendo que 50% respondeu ser do gênero feminino e os demais masculino. Para Silva (2012) a reflexão sobre a atuação e manutenção ou não das hierarquias de gênero, raça e condição sexual na EJA são necessárias. Segundo o autor as diversas formas de exclusão e discriminação são combinadas e possuem mecanismos e sutilezas próprios que se conjugam na existência dos sujeitos da EJA. A questão etária geracional possui prevalência entre 21 e 30 anos (36%), portanto, são jovens seguindo na idade adulta. A diversidade etária constitui a turma, uma vez que foram encontrados em uma mesma sala, estudantes com idades bem diferenciadas o que gerou, de acordo com Silva (2012), novos desafios para as escolas, ou seja, construir propostas educativas que integrem duas gerações que têm em comum, o fato de não terem concluído a educação básica, de terem tido o direito à educação negada quando crianças, por viverem em estado de pobreza, vulnerabilidade social e de ocuparem o mesmo território geográfico. Se, por um lado, o encontro desses sujeitos pode acirrar um processo de animosidade, que enfraquece o processo educativo, por outro, pode criar condições para que os adultos contribuam para que os jovens valorizem o patrimônio histórico cultural, bem como, apreender a memória coletiva do grupo social em que está inserido. Os estudantes (91%) revelaram um sentimento de ‘felicidade’ ao voltarem a estudar e acreditam que seus conhecimentos estão sendo valorizados no cotidiano escolar. Porém, alegam dificuldades em acompanhar o ritmo empreendido aos estudos no cotidiano. E, apenas, uma minoria (9%) cogitam desistir dos estudos por não acompanharem o ritmo necessário para concluir o ensino médio. Para Silva (2012) é de extrema importância que a equipe docente conheça procedimentos didáticos e metodológicos, que façam com que o estudante eleve sua autoestima, objetivando fazê-lo compreender que todos possuem a capacidade de aprender. Ao refletirem sobre o papel da escola, as respostas mostraram que eles veem a instituição escolar como um local facilitador da inserção social e profissional que oportuniza o conhecimento necessário para empreender-se nos espaços sociais e acadêmicos mesmo porque “encurta o tempo perdido” (discente A). Porém sentem dificuldades, devido ao cansaço da jornada estafante de trabalho e a violência que permeia os arredores da comunidade escolar. Dentro dos aspectos necessários para a construção do percurso pedagógico, se destacam a falta de ritmo com os estudos, a dificuldade de “memorização” dos conteúdos e algumas matérias “desinteressantes”. Os motivos de terem interrompido seus estudos, se justificam pela necessidade de trabalharem e de cuidarem da família, como é o caso das mulheres pela condição de gênero (marido não deixava estudar). Campos (2003) e Fonseca (2002), afirmam que os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados por necessidade de trabalhar; pelas condições de acesso e segurança que são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não acontece de forma significativa para eles. No caso dos estudantes do CEJAAI, pode-se inferir que, principalmente, as mulheres pararam de estudar para criar os filhos e provavelmente

com a separação, a mulher sentiu-se livre e pôde retornar aos estudos. Em relação aos motivos que levam os estudantes de maneira geral a retornarem à escola, se deve a necessidade de inserção ou manutenção no mundo de trabalho. Conclui-se que os resultados encontrados na pesquisa revelaram que a EJA é uma modalidade complexa, que engloba no mesmo espaço duas categorias sociais distintas: os “jovens” e “adultos”, conforme mostraram os dados, que corroboram com afirmação de Oliveira (1999), sobre a heterogeneidade dentro das salas de aula da EJA ser uma de suas marcas. Pensar e trabalhar com a EJA significa considerar que este estudante é antes de tudo um trabalhador. Esta categoria é essencial para compreender marcas do processo de ensino e aprendizagem, na juvenilização. Ao associarem profissionalização e conclusão do Ensino Médio como forma de garantir um emprego e conquistar a autonomia financeira prepondera-se o retorno aos estudos, seguido do sonho de ingressar na faculdade mediante aquisição de maiores conhecimentos. Portanto, percebe-se que o retorno à escola, permite ao estudante sentir que pode resolver com autonomia os problemas cotidianos, além de melhorar o desempenho profissional e a visão de vida e de mundo. Nesse sentido, Freire (1991) afirma que o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor, ao passo que ensina, também aprende. Assim, professor e estudante aprendem juntos e se expressam, em um encontro democrático e afetivo.

Palavras-chave: Educação; Mundo do trabalho; Jovens na EJA; Identidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H.W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. São Paulo: Vozes, 2019.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, 2007.
- FONSECA, M.C.F.R. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 103 p.
- FREIRE, Paulo. **Das relações entre a educadora e os educandos**. São Paulo: Olho d’água, 1991.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- OLIVEIRA, M.K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.**, n. 12, 1999.
- SILVA, J.A. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos – EJA: tudo junto e misturado!** 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2012.